

Dr. PAULO MARQUES



No Centenário do Instituto Agrícola

Fundação Cuidar o Futuro



Separata de «Medicina Veterinária» — Série XI, N.º 1



No Centenário do Instituto Agrícola

Pelo DR. PAULO MARQUES

Se quisermos considerar o facto da colocação do homem na terra e se quisermos por momentos esquecer a crucial questão da sua missão e finalidade, surge-nos imediatamente um problema de ordem prática e de solução inadiável: a obtenção de alimentos e de vestuário. Pode dizer-se que na sua quase totalidade é esse problema resolvido (completa ou, as mais das vezes, incompletamente) pelo exercício da agricultura, da criação de animais e da caça e pesca, que fornecem matérias-primas, umas vezes consumidas directamente, outras, transformadas industrialmente em produtos de mais fácil ou mais cómoda utilização.

Este facto deu origem a que os homens sempre olhassem com particular atenção a actividade tendente a obter e a distribuir os produtos de origem animal e de origem vegetal, certos de que deles dependia, em absoluto e duma forma imediata, a sua vida, visto esses produtos satisfazerem grande número das mais importantes necessidades humanas.

E' certo que o progredir brusco e violento da indústria nos últimos séculos e o predomínio que as populações urbanas adquiriram na vida dos estados modernos reduziram notavelmente a colaboração efectiva que as zonas onde se desenvolvem as actividades agrícolas, zootécnicas e piscatórias podem dar à vida social da nação, e é certo que estes factos conduziram a um menosprezo e a uma menor atenção pela Agropecuária, por parte dos governos e da opinião pública, apesar de, sem dúvida, ser ela que, basicamente, sustenta todas as outras actividades. As próprias doutrinas políticas totalitárias, como o nazismo, o fascismo e o socialismo marxista-leninista, que dão importância fundamental ao factor económico, dirigem invariavelmente a sua atenção para os meios industriais e intelectuais (sobre os quais se apoiam), esquecendo visivelmente os meios agrícolas e marítimos, considerados quase que estruturas meramente servidoras da hipertrofiada máquina estadual e dos proletários da indústria e da ciência. Mas a falsidade social de tal atitude tem vindo a ser posta em relevo pelas consequências que tem acarretado, e que se traduzem por acontecimentos de natureza muito diversa mas sempre mais ou menos perigosa para a condição económica dos estados. Entre esses acontecimentos avulta em nossos dias a crise económica britânica, típica dum país que dera toda a sua atenção ao comércio e à indústria, e que se

vê em dificuldades, uma vez que aqueles países agrícolas que lhe forneciam alimentos deixaram de estar sob a sua égide ou começaram, por seu turno, a industrializar-se.

Não era pois de estranhar que (apesar de apenas imperfeitamente começarem a aperceber-se da importância das actividades agropecuárias, piscatórias e derivadas) as sociedades modernas desejassem formar homens de ciência e técnicos de nível elevado, susceptíveis de conduzirem, coordenarem e aperfeiçoarem as explorações de fontes de matérias-primas de origem animal e vegetal e as indústrias que utilizam essas matérias-primas. Surgiram, nestas condições, as primeiras escolas superiores orientadas nesse sentido. A princípio rudimentares e buscando apenas resolver certos aspectos reduzidos deste grande problema — aspectos que as circunstâncias tornaram de mais urgente solução —, foram, com o tempo, desabrochando e procurando abarcar todas as facetas, por vezes inesperadas, que se nos deparam no campo do estudo dos produtos de origem agropecuária.

Podem dizer-se que desde o início estas escolas superiores apresentaram em notável grau certas características comuns, como, por exemplo, a tendência para se separarem em duas grandes linhas: por um lado, as que estudavam as actividades ligadas à exploração de animais, e, por outro, as que estudavam as actividades ligadas à exploração agrícola. Tal tendência não impediu porém que muitas vezes tenham surgido escolas mixtas, como sucedeu entre nós e sucede ainda hoje em muitos países (v. g. nos estados brasileiros de Paraná e Porto Alegre), ou escolas abrangendo os dois ramos mas licenciando separadamente veterinários e agrónomos (como sucede em alguns estados dos Estados Unidos da América).

Em Portugal o primeiro estabelecimento superior de ensino agropecuário foi a Escola Veterinária Militar, fundada em 1830. O seu âmbito — à semelhança do que sucedeu a todas as escolas similares, como já referimos — era muito restrito, pois nela apenas se ensinava medicina veterinária, e desta quase só a medicina hípica, o que se justificava pelas exigências dos grandes efectivos de cavalos dos exércitos contemporâneos.

Seis anos depois, um veterinário e médico ilustre, o dr. Viana de Rezende, elaborou por determinação oficial o plano duma ampla escola superior para o ensino agropecuário, abrangendo o estudo de problemas veterinários e agrícolas e concebida já de modo a corresponder às necessidades e a ministrar conhecimentos suficientemente variados e extensos. Mas este plano não chegou a ser aprovado superiormente. Somente em 1852 é criado o Instituto Agrícola, de que este ano se comemora o primeiro centenário, e que marca o aparecimento do ensino agrícola e com ele o advento dum novo tipo das escolas superiores que atrás referimos, porquanto visava a ministração da segunda fracção dos conhecimentos agropecuários.

vê em dificuldades, uma vez que aqueles países agrícolas que lhe forneciam alimentos deixaram de estar sob a sua égide ou começaram, por seu turno, a industrializar-se.

Não era pois de estranhar que (apesar de apenas imperfeitamente começarem a aperceber-se da importância das actividades agropecuárias, piscatórias e derivadas) as sociedades modernas desejassem formar homens de ciência e técnicos de nível elevado, susceptíveis de conduzirem, coordenarem e aperfeiçoarem as explorações de fontes de matérias-primas de origem animal e vegetal e as indústrias que utilizam essas matérias-primas. Surgiram, nestas condições, as primeiras escolas superiores orientadas nesse sentido. A princípio rudimentares e buscando apenas resolver certos aspectos reduzidos deste grande problema — aspectos que as circunstâncias tornaram de mais urgente solução —, foram, com o tempo, desabrochando e procurando abarcar todas as facetas, por vezes inesperadas, que se nos deparam no campo do estudo dos produtos de origem agropecuária.

Podem dizer-se que desde o início estas escolas superiores apresentaram em notável grau certas características comuns, como, por exemplo, a tendência para se separarem em duas grandes linhas: por um lado, as que estudavam as actividades ligadas à exploração de animais, e, por outro, as que estudavam as actividades ligadas à exploração agrícola. Tal tendência não impediu porém que muitas vezes tenham surgido escolas mixtas, como sucedeu entre nós e sucede ainda hoje em muitos países (v. g. nos estados brasileiros de Paraná e Porto Alegre), ou escolas abrangendo os dois ramos mas licenciando separadamente veterinários e agrónomos (como sucede em alguns estados dos Estados Unidos da América).

Em Portugal o primeiro estabelecimento superior de ensino agropecuário foi a Escola Veterinária Militar, fundada em 1830. O seu âmbito — à semelhança do que sucedeu a todas as escolas similares, como já referimos — era muito restrito, pois nela apenas se ensinava medicina veterinária, e desta quase só a medicina hípica, o que se justificava pelas exigências dos grandes efectivos de cavalos dos exércitos contemporâneos.

Seis anos depois, um veterinário e médico ilustre, o dr. Viana de Rezende, elaborou por determinação oficial o plano duma ampla escola superior para o ensino agropecuário, abrangendo o estudo de problemas veterinários e agrícolas e concebida já de modo a corresponder às necessidades e a ministrar conhecimentos suficientemente variados e extensos. Mas este plano não chegou a ser aprovado superiormente. Somente em 1852 é criado o Instituto Agrícola, de que este ano se comemora o primeiro centenário, e que marca o aparecimento do ensino agrícola e com ele o advento dum novo tipo das escolas superiores que atrás referimos, porquanto visava a ministração da segunda fracção dos conhecimentos agropecuários.

Fundação Cuidar o Futuro

sempre protegido pela dedicação daqueles que, nesse Instituto e depois nos estabelecimentos que lhe sucederam, dedicaram a sua vida à nobre tarefa de ensinar e de investigar. Entusiasmos, desânimos e ilusões se foram sucedendo, como companheiros inseparáveis que são de todo o trabalho e de toda a realização. A obra foi-se erguendo segura e robusta, mas muito resta ainda a fazer para que as actividades agropecuárias e marítimo-piscatórias surjam em toda a sua pujança saudável e vivificante na vida portuguesa, a pesar efectivamente na governação e a chamar à sua órbita o melhor das competências nacionais, tradicionalmente desviadas apenas para aquelas actividades que se convencionou considerar importantes, a ponto de deterem o exclusivo das atenções e de assumirem uma projecção que o seu papel na sociedade não justifica inteiramente.

Fundação Cuidar o Futuro



Fundação Cuidar o Futuro